



AFEGANISTÃO/Entre 60 e 80 mulheres saem às ruas de Herat, a terceira maior cidade, e protestam por direitos na presença dos insurgentes. Manifestação não tem precedentes no país comandado pela facção. Ativistas afegãs celebram a "coragem" das compatriotas

Elas desafiam o Talibã

» RODRIGO CRAVEIRO

Vestidas com burcas e *hi-jabs* (véu islâmico), elas não se amedrontaram quando ficaram frente a frente com talibãs. Nas mãos, cartazes com um grito de resistência — um gesto impensável no Afeganistão sob o primeiro regime da milícia fundamentalista, entre 1996 e 2001. “Pelo direito das mulheres de estudarem e de trabalharem em todas as áreas. Nenhum governo pode ser estável sem o apoio das mulheres”, estampava uma faixa escrita em azul e vermelho. Em um cartaz branco, estava escrito à mão: “Não temam, não temam, estamos unidas!”. Aconteceu, ontem, em Herat, a terceira maior cidade do país, a cerca de 810km a oeste de Cabul. Enquanto marchavam pelas ruas, elas repetiam, em uníssono: “Todas vocês devem lutar contra o Talibã. (...) É nosso dever ter educação, trabalho e segurança!”.

“Estamos aqui para reivindicar nossos direitos”, explicou à agência France-Presse Fareshta Taheri, uma das manifestantes, entrevistada pela agência France-Presse, por telefone. “Mulheres e meninas temem que o Talibã não permita que elas frequentem a escola e trabalhem”, acrescentou. Situada perto da fronteira com o Irã, Herat é considerada uma cidade bastante liberal, pelo menos dentro dos padrões do Afeganistão. Fareshta admitiu à AFP que está disposta a usar a burca, caso os talibãs exijam esse código de vestimenta. No entanto, ressaltou o desejo das mulheres de irem à escola e ao trabalho e lembrou que a maioria das moradoras de Herat decidiu ficar em casa, com medo e incerteza.

Moradora de Cabul, a especialista em gestão educacional Fatima Safari, 24 anos, acredita que a única coisa que as mulheres afegãs podem fazer, no momento, é se manifestarem. “Não podemos esquecer que as participantes do protesto em Herat correm risco. Ainda assim, eu as encorajo a levantarem suas vozes. Todo o mundo está observando a nossa

AFP



Miliciano talibã observa ato sem precedentes das afegãs, em Herat, por educação e trabalho: “Não temam, não temam, estamos unidas!”

Maryam Ebram/Facebook/Reprodução



reação ao Talibã. É hora de erguermos nossa voz”, reforçou ao **Correio**. Segundo ela, a reação dos insurgentes, quando confrontados por jornalistas ou pelas câmeras, costuma ser maquiada. “Não podemos acreditar que o Talibã perdoa as mulheres que trabalharam ou que protestaram. Ainda testemunhamos o assassinato de afegãs inocentes”, disse.

Fatima cita a execução de uma garota, na província de Ghazni. “Ela foi morta pelos talibãs. Ela estava com o seu *mahram* (pai,

irmão ou tio) e vestia o hijab (véu islâmico). Depois que o talibã a matou a bordo do regsha (tipo de motocicleta), não permitiu que outras pessoas tocassem o corpo dela”, lembra. Por sua vez, a economista Sediqa Hassani, 23, aposta que o ato em Herat pressionará a milícia fundamentalista a incluir as mulheres no governo. “O protesto atrairá a atenção da comunidade internacional para o fato de que os direitos das mulheres estão em perigo sob o regime talibã.

Um manifesto pela presença feminina

O documento é assinado por “um grupo de mulheres”. Uma das manifestantes de Herat, Maryam Ebram, divulgou um manifesto em prol dos “direitos básicos” das afegãs. “Nas últimas semanas, não ouvimos falar sobre a presença de mulheres de cor nos escritórios governamentais e privados, universidades escolas e áreas sociais. A presença das mulheres na sociedade foi acompanhada de condições e desavenças”, afirma o texto, que enumera a importância do direito ao trabalho, à liberdade, à presença nas áreas públicas e nas atividades sociais e à segurança. “As mulheres deveriam ter uma presença colorida nos campos político, social e de liderança. (...) Somos metade da sociedade do Afeganistão, e a nossa presença em áreas públicas — como a econômica, cultural e social — é essencial”, acrescenta o comunicado.

A afegã Patoni Isaaqzai, ativista dos direitos das mulheres, deixou Cabul há duas semanas e, hoje, está em Hamburgo (Alemanha). Ela disse ao **Correio** que os protestos em Herat “podem ser o início de mais manifestações e de uma rebelião feminina contra o Talibã”. “Vejo essa manobra como muito positiva. O Talibã está desorganizado e busca reconhecimento internacional neste momento. Por isso, esta é a melhor hora para as mulheres agirem”, avaliou. “As afegãs estão

em perigo e tentam se mobilizar contra essa vulnerabilidade. Ainda que algumas pessoas pensem que o Talibã mudou, incidentes recentes nos mostram exatamente o oposto. Eles fecharam escolas para garotas e universidades”, exemplificou.

O Talibã deu indícios de que não deve inserir as mulheres no “governo inclusivo” que prometeu, o qual deverá ser anunciado hoje. Questionado sobre o futuro governo, Sher Mohammad Abbas Stanekzai, vice-chefe do gabinete

» Vozes da resistência



Foto: Arquivo pessoal

“Todas as conquistas das mulheres afegãs desde 2001 estão mortas. O protesto em Herat mostra que os talibãs não se importam com demandas e com os direitos das mulheres.”

Fatima Safari, 24 anos, especialista em gestão educacional, moradora de Cabul



“Essas mulheres são realmente corajosas, pois arriscam suas vidas para falarem por nós. O Talibã não respeita os direitos das mulheres e acredita que elas não devem aparecer em público. O Talibã é terrorista.”

Sediqa Hassani, 23 anos, economista, moradora de Cabul

político da milícia, disse à emissora britânica BBC que “pode não haver” mulheres ministras ou cargos de responsabilidade, e que as afegãs ocupariam somente cargos em escalões inferiores.

O jornalista, poeta e escritor Sayed Ali Mosawi Chakawak, morador de Cabul, defendeu a manifestação em Herat. “Elas são nossas mulheres. Nossas esposas, irmãs e filhas. O povo do Afeganistão está com elas, e nós as apoiaremos”, prometeu.

Embaixada

No fim da noite de ontem, o Talibã anunciou que a China manterá a embaixada em Cabul e intensificará a ajuda ao Afeganistão. O Catar confirmou que negocia com os talibãs a reativação do Aeroporto Internacional Hamid Karzai “o mais rápido possível”, anunciou o ministro das Relações Exteriores, Mohamed bin Abdelrahman al-Thani. O Catar confirmou que trabalhará para retomar as operações no local.

ESTADOS UNIDOS

Biden alerta para “caos inconstitucional”

O direito ao aborto nos Estados Unidos sofreu o maior revés em cinco décadas com a decisão da Suprema Corte de manter uma lei do Texas que proíbe a interrupção da gestação depois da sexta semana. O presidente Joe Biden criticou a decisão, alertando que ela ameaça provocar um “caos inconstitucional”, enquanto os contrários ao aborto celebravam e os defensores dos direitos reprodutivos preparavam novas ações judiciais.

A Suprema Corte, que em 1973 reconheceu o direito das mulheres ao aborto em sua emblemática sentença “Roe v. Wade”, decidiu, na quarta-feira à noite, deixar em vigor as restritivas regulamentações do Texas, que nem mesmo contemplam exceções para estupro ou incesto.

O tribunal, ao qual a União Americana pelas Liberdades Cívicas (ACLU) e as associações de planejamento familiar recorreram na segunda-feira para suspender sua aplicação, não decidiu sobre a constitucionalidade da lei. Mas citou “antecedentes processuais complexos e recentes” que lhe permitem vigorar enquanto a batalha judicial continua.

Biden classificou a decisão como “um ataque sem precedentes aos direitos constitucionais das mulheres”. “Estranhos, agora, terão o poder de se intrometer nas

Estranhos, agora, terão o poder de se intrometer nas decisões de saúde mais privadas e pessoais das mulheres”

Joe Biden, presidente dos Estados Unidos

decisões de saúde mais privadas e pessoais das mulheres”, disse o presidente democrata, prometendo “ver quais medidas o governo federal pode tomar para garantir que as mulheres no Texas tenham acesso a abortos seguros e legais”.

“Vitória retumbante”

A decisão da Suprema Corte foi tomada por cinco de seus nove juízes, três dos quais foram escolhidos pelo ex-presidente republicano Donald Trump, que, durante seu mandato, consolidou uma maioria conservadora de 6-3 no painel. Portanto, a decisão foi uma grande conquista para Trump e seus aliados conservadores, que estavam exultantes, ontem.

É “uma vitória retumbante para os pró-vida”, tuitou Dan Patrick, o vice-governador republicano do Texas, o segundo estado mais populoso dos Estados Unidos. Para o grupo contrário ao aborto Texas

Right to Life a decisão foi “uma vitória maciça do movimento pró-vida” e um golpe para a “decisão injusta de Roe v. Wade”, que deve ser replicada “em todo o país”.

Por outro lado, as organizações de defesa aos direitos reprodutivos não esconderam seu descontentamento. “Estamos arrasados. Nossas pacientes estão assustadas, confusas e desesperadas para descobrir onde podem fazer um aborto”, disse Amy Hagstrom Miller, diretora do Whole Woman’s Health. “Dizer que estamos chateados é um eufemismo, mas (...) vamos continuar lutando”, afirmou a associação Fund Texas Choice no Twitter.

“O impacto desta lei hedionda não deve ser subestimado: ela visa principalmente negros e latinos, de baixa renda e que vivem em áreas rurais”, que não podem viajar, enfatizou o presidente da Planned Parenthood, Alexis McGill Johnson.

» Tempestade Ida mata 41 no Nordeste



As chuvas torrenciais provocadas pela tempestade tropical Ida — rebaixada depois de tocar o solo dos EUA como furacão — causaram inundações, alagaram residências e mataram pelo menos 14 pessoas na cidade de Nova York (foto). Treze vítimas, entre 2 e 86 anos, foram encontradas dentro de suas casas tomadas pela água. Centenas de nova-iorquinos ficaram presos em apartamentos construídos em porões e em estações de metrô. Um blecau-

te atingiu mais de 150 mil residências. O rastro de destruição se estendeu por Nova Jersey, onde morreram 23 pessoas, Pensilvânia e Maryland, com quatro mortes registradas nesses dois estados. Moradora do Harlem, a apenas três quadras do Central Park, a brasileira naturalizada norte-americana Tammy Lin, 32 anos, decidiu não sair de casa na noite de quarta-feira. “A chuva estava muito intensa. Pela primeira vez desde que cheguei a Nova York,

em 2016, a água batia tão forte na janela, que chegou a jorrar para dentro do meu apartamento”, relatou ao **Correio**. Na manhã de ontem, durante uma caminhada pelo Central Park, ela contou ter visto “muita destruição”. Morador do bairro Queens, Sam Eshaghoff estava em um restaurante aguardando a chuva amenizar. “Eu não me lembro de ter visto inundações tão ruins desde a passagem do furacão Sandy, em 2012. Vi algumas mulheres chorando.”

Fonte: Dpa/FP